

ABEL teatro NEVES



Clube dos Pessimistas
Cruzeiro
Este Oeste Éden
Flores para mim
Nunca estive em Bagdad
Olhando o céu estou em
todos os séculos
Purgatório
Querido Che

Abel Neves

TEATRO

CLUBE DOS PESSIMISTAS

CRUZEIRO

ESTE OESTE ÉDEN

FLORES PARA MIM

NUNCA ESTIVE EM BAGDAD

OLHANDO O CÉU ESTOU EM TODOS OS SÉCULOS

PURGATÓRIO

QUERIDO CHE



COMPANHIA
DAS ILHAS

2015

QUERIDO CHE

QUERIDO CHE

Estreia no Teatro Mundial, Lisboa, 4 de Junho de 2007

Direcção: Almeno Gonçalves

Interpretação: Alexandre Ferreira, Hugo Sequeira, João Maria Pinto, João Miguel Mota, Manuel Lourenço, Maria Walbeehm, Orlando Costa, Patrícia Pinheiro e Sofia Dias

Produção: Sola do Sapato – Produções e Realizações Artísticas Lda

PERSONAGENS

por ordem de entrada em cena

PANCHO, O CANTINEIRO

JULIO, EL PATOJO, GUATEMALTECO, AMIGO DE "CHE"

CONSUELO, PRIMA DE ANGELITA

ERNESTO "CHE" GUEVARA

ROSENDO, MARIACHI, PAI DE AURORA

VALDEZ, MARIACHI

ANGELITA, FILHA DE PANCHO

PABLO, CUBANO, AMIGO DE "CHE"

AURORA, FILHA DE ROSENDO

Cidade do México, 1955/1956. Uma Cantina Mexicana. Ambiente com luz acolhedora. Balcão, garrafeira, mesas, cadeiras, objectos da cultura tradicional mexicana, sombreros, cactos, rádio, imagens de santas e santos, cartazes de tourada, artesanato, um quadro emoldurado com uma fotografia de Pancho, o cantineiro, com sombrero e figurino Mariachi, e, ao lado, tão destacada quanto a fotografia do cantineiro, uma imagem da Virgem de Guadalupe. Uma gaiola de papagaio, sempre coberta, estará de vez em quando presente pendurada num recanto do balcão. Há três entradas/saídas: duas laterais e uma atrás - para lá - do balcão. Uma das laterais dá para o exterior da cantina, e a outra dá para o pátio interior da casa onde é suposto existir um anexo e, nele, um laboratório de fotografia. Atrás do balcão, para lá dele, é a passagem para o interior da casa, de que a Cantina é uma extensão.

CENA 1

Ouve-se, do rádio, a canção "Que me toquen las golondrinas" na voz de Pedro Infante. Atrás do balcão, a cabeça apoiada numa das mãos, olhos fechados, usando óculos, rendido à música, Pancho, o cantineiro, ouve e balança suavemente o corpo. Entra Julio, apressado, com uma sacola e máquina fotográfica. Pára por instantes, como que a lembrar-se de algo entretanto esquecido, Pancho abre um olho e observa. Julio avança para a saída que dá para o pátio.

PANCHO Onde é a ida assim tão ligeirinho?

JULIO Parando, admirado. Aonde é a ida?!

PANCHO Baixando o volume do rádio. Sim, aonde é a ida.

JULIO Vou revelar filmes. Não posso?

PANCHO Tenho a impressão que essa "ida" às revelações um dia destes vai acabar. *Explicando bem.* O vosso amigo do laboratório ainda não pagou a renda ao amigo a quem eu aluguei aí o anexo no pátio. Quer dizer, eu deixo que vivam à minha custa, mas de vez em quando convinha pagarem-me qualquer coisinha, não?

JULIO Eu logo falo com ele.

PANCHO Logo falo! Só falar não chega. Já vi que vou ter de me esquecer. E então, algum casório, foi?

JULIO Turistas. O costume. Estive com o Ernesto no Parque.

PANCHO Acho que ele entrou há um bocado... ou saiu? Não sei,

não me lembro. *Aumenta o som do rádio.* Bom trabalho! *Julio acena para Pancho e sai para o pátio. Entra Consuelo, vinda do interior.*

CONSUELO Panchito, a Angelita está na mesma. Diz que não lhe apetece comer.

PANCHO E isso por causa do doutor? Dios mio, que não é preciso matar-se por causa de um argentino! As lágrimas não são nada boas para a voz. *Desliga o rádio.* Pergunto: e a voz? A voz vai-se abaixo com as lágrimas, diz-lhe isso, anda!

CONSUELO O problema, acho eu, não é a voz. É o resto.

PANCHO Mas eu quero que ela estime bem a voz! Ando eu ainda neste mundo para quê? Sim, para quê? Ela que não pense que não come! Se não te importas leva-lhe uma tortilha. Ela que coma mas é uma tortilha e que se deixe das lágrimas. *Põe um prato no balcão.* Leva-lhe. São asas de frango panadas. *Consuelo olha para o prato.* Que foi? Não estão bem? Não te preocupes, são asas, mas já não voam. Têm no máximo três dias, estão boas, fui eu que as fiz.

CONSUELO Estão aí há quase uma semana. Ninguém lhes pega.

PANCHO Têm de apurar, não percebes? Todas as culinárias têm os seus apuramentos. Tenho culpa que haja poucos clientes? Eu nem precisava disto, mas pronto, foi a herança do meu velho e eu prometi. Caramba, fartei-me de lhe prometer coisas! Também lhe prometi que a Angelita seria uma grande artista, e vai ser. Não achas que vai ser? *Consuelo acena, dizendo que sim.* Vá, ela que coma que mando eu. E quero-vos aqui mais logo e com os gorgomilos afinadinhos e a-dar-a-dar. *Consuelo sai.* E ela que esqueça o argentino! O argentino é para esquecer! Ouviste?

Escuro.

CENA 2

A uma mesa, sentados, estão Che e Julio. Vêem fotografias e conversam, baixo, sem que se entenda o que dizem. Entram os dois Mariachis, Rosendo e Valdez, vindos do exterior. Trazem os seus instrumentos, viola e acordeão.

ROSENDO Ao balcão, chamando. Pancho! Pancho! Ninguém responde. Que não passa nada na cantina? Pancho! *Pega na viola e canta, divertido, uma breve melodia, de uma das canções que se ouvirá mais tarde. Entra Consuelo, vinda da casa. Rosendo muda de música e, com Valdez, canta para Consuelo.*

Cançoneta 1

Ai, quem me dera ser flor
 Ou mesmo um docinho de chila
 Para um dia poder compor
 Uma canção com tequila

Docinho do meu coração
 Vivo contigo a sonhar
 México lindo é a canção
 É lindo para eu cantar

Cantamos na cantina La Sierra
 O que a vida tem para dar
 México lindo é la tierra
 Tierra linda para amar

Entra Pancho, vindo da casa.

PANCHO Viva, Rosendo!

ROSENDO O prometido é devido! Venho apresentar-te o meu novo vizinho, o amigo Valdez. Vem direitinho de Vera Cruz. Agora já somos três! *Apresenta Valdez, que cumprimenta Pancho.*

PANCHO Muito gosto.

VALDEZ Prazer.

ROSENDO Acordeão é com ele!

VALDEZ Mas gostar, gostar mesmo, é harpa. Fui harpista muitos anos. De vez em quando ainda toco nas igrejas. E trompete. Mas a trompete dá muita sede.

ROSENDO *Para Consuelo.* Preciso de amaciar as cordas. *Consuelo serve tequila. Para Pancho.* E tu, nada?

PANCHO Ultimamente a tequila faz-me cócegas no fígado e agora não me apetece rir.

ROSENDO *Saudando em direcção a Che e Julio.* Saúde, doutor! *Che acena, com simpatia.*

ROSENDO e VALDEZ Saúde! *Che e Julio acenam, sorrindo. Os Mariachis encostam-se ao balcão, Consuelo sai, para casa, e ficamos com Che e Julio.*

JULIO Ela chega amanhã?

CHE *Sorrindo.* Chega quando o destino quiser, e quando chegar

logo vejo como será. Julio, tenho tanto em que pensar, que não quero ocupar-me demasiado com a chegada da Hilda. Ela sabe bem com o que conta.

JULIO Achas tu.

CHE Acho eu, e acha o destino. Espero.

JULIO Se não tivesses saído da minha querida Guatemala, agora mesmo estarias casado, não?

CHE Preferia não ter saído da Guatemala, mas casado nunca!

JULIO Camarada, nunca digas nunca!

CHE *Sorrindo.* Com o casamento abrimos excepção. Nunca! *Pegando nalgumas fotografias.* Entregamos estas? *Julio acena com a cabeça, afirmativo.* Estou a ficar farto. Ainda pensei que ia conseguir a bolsa lá no Hospital para me livrar disto, mas se calhar é sonho que vou ter de abandonar. Europa... Paris, meu amigo, Paris está à minha espera... só não sei é quando darei sinal de chegada. O mundo vai girando e nós cá vamos com as nossas fomes crónicas.

JULIO O que nos vai valendo é a Agência. Mas eu tenho de arranjar mais qualquer coisa para fazer. Isto só não chega.

CHE Fala com o cantineiro. Ele arranjou uns serviços ao Pablo.

JULIO Bom tipo. *Sorrindo.* Parece que se esqueceu da renda do último mês, aí do laboratório.

CHE Gente boa só mesmo os que não têm nada, ou têm pouco. Vamos sabendo isso, não é? Dei-me bem conta disso quando andei pelo Chile, nas minas de cobre, e quando conheci os índios do Peru, Cuzco. *Breve pausa.* Sabes, lembro-me bem que nessa viagem houve qualquer coisa que entrou fundo dentro de mim. O que vou sendo agora, vem daí. A minha Argentina... Equador, São Salvador, Colômbia, Guatemala... México. Toda a América tem de estar irmanada pelo mesmo ideal, temos de conseguir. *Valdez, o Mariachi, olha furtivamente para Che.* Os povos da América não podem viver eternamente na miséria debaixo da pata dos ianquis. Ainda um dia vão dizer que isto é retórica e não sei que mais, mas eu bem vi como foi agora na tua terra. Andei nas ruas, ajudei nos hospitais. *Pega na máquina fotográfica de Julio.* É mesmo bonita.

JULIO Não sei se te disse. Foi o Partido que ma ofereceu.

CHE *Sorrindo.* A minha, foi o meu papá. *A cena muda para o balcão.*

PANCHO Qual fechamos a cantina! Fazemos ensaio, mas é com a cantina aberta aos clientes!

ROSENDO Mas há clientes? Os que ainda aparecem, antes de cá chegarem já estão borrachos e eu não canto para gente que não está neste mundo. Gostas de tocar para borrachos?

VALDEZ Os borrachos também são filhos de Deus, Rosendo! Por que é que há muitos borrachos no céu? Já pensaste?

ROSENDO Porque não cabem todos no inferno, e no meio das brasas a tequila evapora no instante! *Ri com a gracinha. Dá aí mais um cheirinho. Pancho serve mais uma rodada. Canta.*

Cançoneta 2

ROSENDO

Que desgraçado sou aqui
Nestes dias de secura
E se vou assim, amor, para ti
Não me peças mais ternura

ROSENDO e VALDEZ

Com os copos erguidos na direcção de Pancho

Ai, ai, amigo cantineiro
A sede nos ia a secar
Viva la vida, companheiro!
Que a morte é pra matar!

Bebem, menos Pancho, que uma vez mais se escusa.

ROSENDO Metemos guitarrão e violino?

PANCHO Assim como está, está bem. O que eu quero é as vozes a irem ao céu.

ROSENDO E a voltarem, não?

PANCHO *Abraçando Rosendo, e para Valdez.* Quis o destino que ficássemos cada um com uma filha bendita. Somos ambos viúvos.

ROSENDO *Interrompendo.* Alto lá! Viúvo sou eu! A minha, que Deus tem lá nas clareiras divinas, é que marchou sem dizer água-vai. Mortinha e bem mortinha. *Bate no peito.* Mas aqui a tenho sempre, como um emblema, uma cruz, a minha Dália.

PANCHO Então, a minha marchou com um gringo lá para o deserto do Texas, e não sou viúvo também?

Companhia das Ilhas

colecção: azulcobalto | teatro

direcção de Rui Pina Coelho e Carlos Alberto Machado

Teatro, de Abel Neves

Edição 063

azulcobalto | teatro 012

1ª edição (Outubro de 2015 - 350 exemplares)

Paginação: companhiadasilhas.pt

Design: milideias.pt

Impressão e acabamentos: Europress – Lisboa

Fotografia da capa: Augusto Baptista (espectáculo *Este Oeste Éden*, de Abel Neves, produção A Escola da Noite, 2009, encenação de Sílvia Brito)

Depósito legal: 397462/15

ISBN: 978-989-8592-88-0